O Instituto do Ceará e a emergencia de uma narrativa historiográfica[1]

ALMIR LEAL DE OLIVEIRA(*)

Este artigo pretende discutir os procedimentos seguidos no processo de investigação de minha tese de doutoramento intitulada *O Instituto do Ceará: memória, representações e pensamento social*, defendida em 2001 no Programa de Estudos Pós Graduados em História Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Professora Doutora Maria Odila Leite da Silva Dias. O texto procura apresentar os caminhos que tomei ao longo da pesquisa. Assim, cabe uma advertência ao leitor: é um texto que apresenta metodologias e algumas reflexões sobre a definição dos capítulos da tese. Não apresento os resultados da investigação na forma dos conteúdos trabalhados. Cabe ainda dizer que este artigo visa contribuir para aqueles que se debruçam sobre o tema da historiografia como fonte de reflexão, objetivando desta forma estimular a critica de nossa historiográfia sob a ótica da história social.

Em primeiro lugar eu gostaria de contar um pouco do meu percurso de pesquisa e mostrar como cheguei à definição do meu objeto de estudo. Será uma forma de esclarecer os recortes por mim realizados e de situar a minha problemática, ou, melhor dizendo, os problemas que me inquietavam quando da definição dos limites do estudo.

---

[1] Este texto foi apresentado no Instituto do Ceará em forma de palestra em novembro de 2004. Gostaria de expressar meu agradecimento a Professora Valdelice Girão e ao Sr. Eduardo Campos pelo convite.

(*)Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará

Em seguida vou fazer uma análise sobre o Instituto do Ceará no que diz respeito aos três grandes temas que compõem a tese, quais sejam, a definição de uma forma narrativa da história do Ceará, a definição do *metier* do históriador e o deslocamento da narrativa em formas de construção da tradição os as ações de construção da memória oficial do Ceará.

O que me levou a definir o Instituto do Ceará como objeto de investigação?

Busquemos um nome. Busquemos uma data. Busquemos um lugar. Busquemos uma temática.Busquemos uma fonte documental. Busquemos uma investigação histórica. Busquemos a *Revista do Instituto do Ceará*! Ainda esta por se analisar a contribuição do Instituto do Ceará na escolha dos temas, da definição dos objetos, dos recortes cronológicos e dos estudos históricos da História do Ceará!

Desde que comecei a estudar a história do Ceará me intrigava esta recorrência. Como professor de "Teoria e Metodologia da História" desde cedo fui levado a discutir os procedimentos dos trabalhos que se produziam sobre o Ceará e a recorrência a Revista do Instituto era sempre muito grande.

Incomodava-me ler nos textos considerados dissertativos e de teses a utilização da *Revista do Instituto do Ceará* como fonte primaria para a História do Ceará. Incomodava-me a repetição dos temas, a citação sempre continua de uma referencia sem a devida crítica do históriador profissional. Muitos trabalhos se baseavam em fontes publicadas, ou em textos historiográficos aqui produzidos sem fazer a devida critica de sua produção. Algumas teses chegavam ao ponto de basear seus argumentos em artigos da *Revista* e não em material empírico de base. Não tenho nada contra ao uso da *Revista* como fonte documental, mas realizar este procedimento sem fazer a devida referência me incomodava profundamente. Poderia citar exemplos, mas, confesso, ficaria constrangido em declarar minhas referencias constituidoras.

Confesso que essas leituras enchiam-me de indignação por não realizarem trabalho empírico quase algum, e de sempre repe-

tir os temas e personagens já tão conhecidos de nós, homens afeitos aos processos constituidores do conhecimento histórico, seja ele por erudição ou por definição do oficio, como no meu caso. Como professor de metodologias da história não poderia deixar de alertar aos meus alunos este uso acrítico da produção do Instituto.

Por um outro lado, percebia na produção dos livros de história do Ceará uma grande repetição de temas tributários da produção do Instituto do Ceará. Ainda hoje observo esta repetição, por mais que a História Social tenha renovado os temas e metodologias. Observava que poucos estudos se constituíam fora da referência do Instituto. Poucos trabalhos se vinculavam às linhas de pesquisa da historiografia nacional. Assim, os temas eram sempre os mesmos.

Tomei como desafio fazer essa crítica historiográfica.

Meu primeiro desafio foi o de compreender a produção do Instituto do Ceará publicada em suas revistas. Foi uma tarefa árdua. Tomei os sumários de mais de 100 números da *Revista* para realizar uma tematização. Passei mais de um ano nesta tarefa de conhecer a natureza dos artigos. Comecei a perceber que eles poderiam caber numa determinada classificação. Para tal tarefa pude me valer da coleção da *Revista* da Biblioteca do Instituto Histórico de São Paulo. Como a coleção estava incompleta, requisitei apoio do Dr. Geraldo Nobre que gentilmente cedeu os números que faltavam àquela coleção.

O levantamento que realizei possibilito-me um tratamento. Separei ano a ano as fontes publicadas. Separei todas as biografias. Separei todos os estudos históricos. Separei todas as efemérides. Separei e classifiquei todas as temáticas históricas ou não. Levantei todas as histórias regionais, discursos, atas e movimento da biblioteca. Ao final deste trabalho podia dizer que estava familiarizado com a produção dos sócios entre 1887 e 1987.

Também pude perceber através deste levantamento de temas da *Revista do Instituto do Ceará* algumas fases do Instituto. Por exemplo, entre 1887 e 1903 se destacava a publicação de fontes da história colonial. Neste mesmo período também se destacava a discussão sobre a origem do povoamento. Pude ainda per-

ceber que este fora o período em que mais se discutia e se pesquisava a temática biográfica.

Uma visita que realizei ao Instituto em 1997 junto com o Professor Manuel Luis Lima Salgado Guimarães, da UFRJ, fui presenteado pela Professora Valdelice Girao e pelo Professor Geraldo Nobre com o livro *Algumas Origens do Ceará*, de Antonio Bezerra. Ao me passar o livro, a professora Valdelice disse:*Aqui está um trabalho muito importante sobre o povoamento do Ceará. Um dos mais importantes.* Guardei isso na memória. Talvez ela estivesse tentando me dizer que ali estava de fato um trabalho historiográfico que marcou uma compreensão histórica do Ceará. O próprio Antonio Bezerra tinha esta compreensão quando da publicação do livro em 1918.

Alguns trabalhos de síntese e de referência bibliográfica também me possibilitou chegar ao recorte temporal da minha tese. Foram eles o clássico *Índice Anotado* de Jose Honório Rodrigues, *Meio Século de Existência* e *Índice Temático Anotado* da professora Maria da Conceição Souza, que também me foi ofertado pelo Professor Geraldo Nobre em uma outra visita à biblioteca.

Partindo assim do levantamento de 100 anos dos sumários da *Revista* e desse material de referencia defini o recorte cronológico da minha tese entre os anos de 1887 e 1917 (publicação de *Algumas Origens do Ceará*).

Comecei então a fazer um trabalho de leitura da produção dos sócios fundadores do Instituto do Ceará. Esta foi uma tarefa muito difícil, pois a produção destes históriadores estava dispersa e não fora toda ela publicada em sua totalidade pela *Revista*. Alguns estudos foram publicados em jornais, outros em pequenas publicações e outros em livros hoje raros. Pesquisei em diferentes bibliotecas: a da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo, no Instituto Histórico de São Paulo e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Biblioteca Nacional, no Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, na Biblioteca Dolor Barreira, Biblioteca Pública Menezes Pimentel, Casa de Juvenal Galeno, Academia Cearense e aqui no Instituto.

Desde os primeiros contatos com o discurso histórico produzido no período, compreendi que uma articulação estava oculta nas falas, mas presente em uma ordenação que, ao primeiro momento, parecia inacessível. Aquelas narrativas detalhadas com esmero, aqueles fatos ricamente documentados funcionavam como indícios de uma construção de sentidos que se colocavam em uma constante relação com os outros textos produzidos, com as outras narrativas. Indícios que, seja pelo objeto escolhido seja pela matéria enunciada, dentro ou fora de seqüências mais objetivas, estruturavam um possível núcleo de sentidos morais, políticos ou identitários que regulava a produção, mas a transcendia.

A configuração das séries de estudos históricos, cronologias e efemérides cearenses e fontes documentais publicadas ao longo dos anos pelo Instituto Histórico do Ceará trazia assim, para mim, uma narrativa que possuía um referente que se localizava fora da própria narrativa, como se esse referente fosse ao mesmo tempo o fundador/governante daquele projeto historiográfico, mas estivesse situado fora dele.

Desde os primeiros recortes e tentativas de tematização dessa produção historiográfica, ficou clara a dificuldade de definir os significados daquela história objetiva e que propiciou o projeto de construção de uma história definitiva e verdadeira para o Ceará. Entretanto, a cada tematização que propunha para dialogar com aquele material, um sentido oculto, *um significado informulado*, tornava-se cada vez mais evidente.

Resultou dessa apreciação a tomada de consciência de que só seria possível entender os significados dessa historiografia tomando-a como uma fonte monumentalizada da história do Ceará. Essa historiografia, para além da relação de objeto de pesquisa, monumentalizava-se nas suas formulações, e seria necessário, para o encaminhamento de minhas propostas, tratá-la como documento monumental, ou uma memória histórica que, pelas características de sua produção, se definia como um texto historiográfico já monumental em sua criação. Assim, para chegar até os significados sociais dessa produção, para estabelecer uma crítica ideológica dos referentes fundadores e organizadores desse discurso, e

da sua instituição (lugar de produção e enunciação da verdade histórica), era preciso entender os textos historiográficos não como menos instituídos que os monumentos da tradição, não como menos edificados, situados e definidos pelo poder da enunciação de uma verdade sobre o passado e *em proveito do poder e dos poderes.*

Como então desconstruir essa historiografia monumentalizada?

Decidi partir assim para a construção de uma abordagem que me permitisse uma crítica historiográfica como possibilidade de construção de uma história social da leitura. A primeira constatação que permitiu organizar o caminho da minha reflexão foi a necessidade de discutir a postura do historiador situado como leitor de experiências passadas. Procurei discutir as implicações dessa postura no que se refere às temporalidades e aproximações de horizontes entre leitores, textos e escrituras. A idéia de que o passado é um texto aberto e que sua *leitura* estabelece protocolos, ou seja, a leitura como uma atividade intertextual, foi o enfoque adotado.

Situar o historiador como leitor envolve distinções que vão além da pura constatação. Trata-se de buscar uma compreensão das formas pelas quais os historiadores se posicionam como leitores de temporalidades alheias. É a consideração do tempo histórico como texto passível de compreensão, ou a tentativa de considerar o passado como escritura que dialoga com o presente: se atentarmos para um sentido amplo da idéia de leitura, podemos admitir que, muito mais do que decifrar inscrições gráficas podemos decifrar inscrições de ordem mais geral, literais ou não. Saímos assim de um universo normativo verbal da língua escrita e entramos em um universo de significados, previstos ou não nos textos, da esfera da linguagem.

Longe de intentar fazer uma leitura voltada para o texto em si mesmo, ou de reduzi-lo a um núcleo de intencionalidades (de reescrever o texto com o autor), procurei entrar na esfera da tradição historiográfica instituída pelo Instituto Histórico do Ceará

para tecer uma compreensão dos mecanismos que a possibilitaram. A leitura, nesse sentido, tem a potencialidade de produzir um saber que não experimentamos inicialmente, mas de que podemos esboçar um conhecimento transformando em *nosso* próprio texto, trazendo-o para a nossa construção crítica. E foi dessa relação de diálogo que me permitiu uma abertura de entendimento daquilo que antes estava fora da minha experiência. Se não havia a possibilidade de intervenção nos textos historiográficos sobre o Ceará, estes se constituíram enquanto textos abertos para minha compreensão.

Ao históriador que se interessa pela desconstrução das narrativas historiográficas, como foi o caso deste trabalho de tese de doutoramento, cabe um longo processo de escolhas e definições. Situar as individualidades e historicidades na construção de uma compreensão do passado envolve uma percepção dilatada de sujeito e objeto que se envolvem em um constante e tenso diálogo. É mister rastrear indícios, buscar constatações, encontrar conexões e, sobretudo, seguir as tramas confusas de um passado que possui sua historicidade. Compreender o passado na sua fala e na sua temporalidade é uma possibilidade de procedimento. Não se trata de uma *autonomia do objeto* e nem mesmo de uma perspectiva empirista na qual os objetos falam por si mesmos, revelando um determinado passado. Trata-se aqui de uma compreensão das falas do passado, situadas nas suas historicidades (o que não significa uma perspectiva contextualista), onde experiências individuais, experiências coletivas e temporalidades históricas se encontram em uma elaboração do social (o que também foge a uma perspectiva textualista).

Aos poucos, bem aos poucos, fui entendendo que a catalogação que iniciei se mostrava improdutiva. Os artigos se repetiam ou se contestavam; percebi então, no interior de leituras pormenorizadas, que deveria tratar dos temas que emergiam não de seus títulos, mas dos seus conteúdos, e desta forma fui chegando às articulações entre estilos e conteúdos que procuravam imprimir uma verdade histórica para o Ceará. Pude assim elencar os temas que se dedicavam à questão racial/étnica e que propunham uma

abordagem do indígena como elemento definidor de um caráter popular na visão desses históriadores. Também identifiquei os estudos históricos que tiveram como preocupação a construção dos limites internos das paisagens cearenses e ainda aqueles que se dedicavam à elucidação das origens das diferentes regiões, além dos estudos cronológicos e políticos.

Tomado assim um primeiro contato com o material que seria a base para a análise historiográfica, passei a inquirir sobre a trajetória intelectual e o repertório de leituras desses históriadores e as suas posturas intelectuais diante dos temas ligados à abolição no Ceará, das questões sociais colocadas a partir do final da seca de 1877-1880, bem como das suas trajetórias individuais durante a década de 1880.

Novo universo se descortinou para a pesquisa empírica. Ao mesmo tempo em que procurava compreender narrativas, fui me preocupando em tecer biografias e relacioná-las coletivamente para identificar um possível perfil do históriador que emergia no Ceará na década de 1880. Começou nesse momento a configurar para mim a possibilidade de uma história social das leituras, entendida aí como o estudo do repertório intelectual, das ações sociais e da escritura.

Ao estabelecerem os agentes e situações que inauguraram o Ceará na história, os históriadores do Instituto Histórico do Ceará estabeleceram as origens parciais da mítica origem do Ceará. Os primeiros conquistadores, os primeiros donatários e os heróis fundadores, definidos por esses históriadores, constituiriam uma sistemática tradição. Fonte de poder simbólico e temporal, a constelação de identidades situadas e localizadas na cronologia cearense propiciou a gênese integradora do Ceará à história nacional e à história universal. O estudo destas construções narrativas indicaria como o pensamento social se deslocou da construção da memória para a esfera social mais ampla da construção de símbolos e tradições.

Procurei acompanhar o desenvolvimento do *métier* de históriador no Ceará e compreendê-lo nas suas articulações com as formas institucionalizadas do poder, com a construção do pen-

samento comum da burguesia cearense e com a forma hegemônica que esta utilizou na compreensão do passado do Ceará.

Tomada como um instrumento de análise da história social, as biografias nos auxiliaram a compreender a definição do *métier* da história nos Ceará, o estudo minucioso dessas biografias nos levou a interpretar os elementos de um tecido social diante da qual estavam situados e inseridos esses intelectuais. Investigar os elementos biográficos desses históriadores utilizando as informações fragmentadas de diferentes variações temporais para situar socialmente a definição do campo profissional foi o caminho por mim definido.

Analisar a biografia de cada históriador tomando as suas relações de amizades, contatos profissionais e familiares como multiplicadores de sujeitos sociais envolvidos na trama permitiu-nos um olhar mais adensado de suas afinidades intelectuais, tornando-o um indivíduo complexo a ser observado e analisado. Dessa forma, os hábitos do grupo foram tomados como elementos identificadores de um comportamento social, uma vez que o sistema de disposições individuais de uma prática permitiu-nos alargar a rede de contatos que esses históriadores possuíram, tornando-se indispensável interpretar os diferentes segmentos sociais a que estavam ligados, reconstituindo assim a tessitura social a que estavam identificados.[2]

[2] Giovanni Levi apontou os caminhos possíveis da tomada das biografias como instrumento da pesquisa da história social. Segundo ele: "Este tipo de biografia, a que podemos chamar de modal, pois que as biografias só servem para ilustrar formas típicas de comportamento ou de estatuto, apresenta analogias com a prosopografia: de fato aqui a biografia não é aquela de uma pessoa singular, mas mais aquela de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo. É um procedimento corrente anunciar normas e regras estruturais (estruturas familiares, mecanismos de devolução de bens e de autoridade, formas de estratificação ou de mobilidades sociais...) antes de apresentar os exemplos modais que intervêm na demonstração a título de prova empírica." O autor também salienta o aspecto interpretativo dos dados biográficos, problematizando-os a partir da "relação entre normas e práticas, entre indivíduo e grupo, entre determinismo e liberdade ou, ainda, entre racionalidade absoluta e racionalidade limitada." LEVI, Giovanni - Os Usos da Biografia, IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína – USOS E ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

Cheguei assim à seguinte definição dos capítulos da tese.

Na primeira parte, procuro discutir os significados da construção das narrativas historiográficas do Instituto Histórico do Ceará e as questões que propunham uma inserção desse diante da nacionalidade. O primeiro capítulo é dedicado ao estudo das diferentes configurações do pensamento social no Ceará, que possibilitaram emergir uma narrativa historiográfica a partir do final da década de 1880. O segundo capítulo é dedicado à análise das narrativas de origens construídas pelo Instituto Histórico do Ceará. Procurei identificar as questões levantadas por esses históriadores que propiciaram a configuração e decodificação do passado colonial cearense e de suas articulações com a história nacional.

Na segunda parte da tese, procuro compreender o lugar social da produção historiográfica cearense e como foram estabelecidos os procedimentos que permitiram a constituição de um *métier* de históriador em Fortaleza. Procuro estudar as formações desses intelectuais, os procedimentos historiográficos que adotaram como padrão da escrita da história do Ceará e os seus conseqüentes significados sociais. Partindo da definição do *métier* como um lugar social, procuro reconstituir os perfis intelectuais que indicavam o lugar de onde partia, na sociedade cearense, a sua formulação historiográfica.

Por fim, os dois últimos capítulos procuram entender como se deu a utilização das narrativas historiográficas na esfera do consumo cultural. Procurei compreender os deslocamentos dessa narrativa historiográfica para os níveis simbólicos e ideológicos. Procurei verificar como as ações de memória se configuraram na proximidade dos ideais republicanos, possibilitando um discurso identitário para o Ceará, que se fez reproduzir em diferentes manifestações de caráter comemorativo e em instrumentos pedagógicos afinados com a configuração de um ideal republicano em implantação.